

N.
59

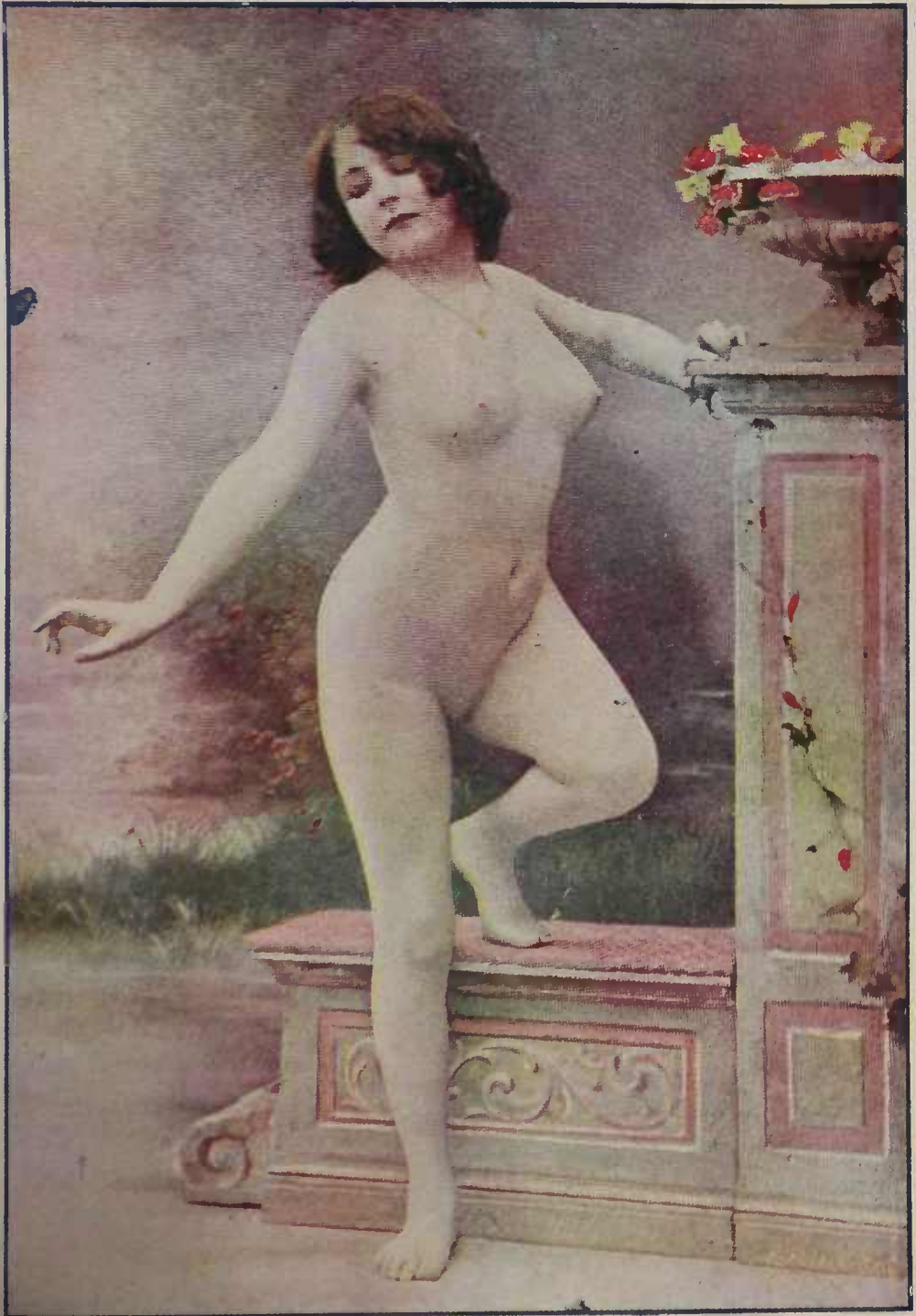


O RISO

Preço
\$200



JULHO



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO À VENDA :

Album de Cuspidos 1ª Serie.	600 réis	D. Julia, a pianista	800 réis
Album de Cuspidos 2ª Serie. 1\$000	"	A Rainha do Prazer	600 "
Album de Cuspidos 3ª Serie 1\$000	"	Como ellas nos enganam.	600 "
A Familia Beltrão	1\$500	Um a Victoria d' Amôr	600 "
O Chamisco	1\$500 "	Horas de Recreio	600 "
Varições d'Amor.	800 "	Barrado	600 "
Comichões	800 "	Velhos gaiteiros	500 "
Flôres de laranjeiras	800 "		

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um.	200 réis
Seis.	1\$000 »
Pelo correio.	1\$500 »

O CHAMISCO ou **O querido das mulheres**
 Preço 1\$500 - pelo correio 2\$000

No proximo mez

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SINHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500
 PELO CORREIO 2\$000



Risa

NUM. 59

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CHRONIQUETA

Ora, cá estou eu novamente, leitor amigo, a tapar outra vez o buraco do Deiró, isto é, a tapar o buraco é um modo de dizer as coisas, não é propriamente isso, nem eu teria tão mau gosto, *vade retro!*... O que eu estou é enchendo mais uma vez a tripa que o refinado malandro devia encher aqui e que não encheu, como lhe competia.

O pandego entendeu de fazer uma «gazeta» de quando em vez e, bumba!

quando isto acontece tenho eu que vir para o tóco fazer de *chronico* e traçar o estupor da *Chroniqueta*, mau grado o leitor e, mau grado principalmente a leitora, que sem duvida aprecia muito mais a do Deiró...

De facto, o rapaz possui uma grande, salvo (seja!) possui uma grande dose de verve, o que infelizmente não acontece commigo, e, assim sendo, é justo que a leitora prefira a grande delle á minha, que é pequena e mal chega para tapar o buraco de um dente, ou mesmo qualquer outro burquinho...

Isto, porém, não vem agora ao caso; o que é preciso é fazer a *Chroniqueta*, não é verdade? Pois, vamos a ella.

O apparecimento dos dois braços de criança, e que se suppõe ser daquella cujo tronco a policia procura com um prego acceso e cuja cabeça foi achada á porta da igreja do Rosario, constituiu sem duvida o principal assumpto da semana.

A policia continua desnorreada e não deslinda o negocio nem a mão de Deus Padre! Realmente, apparecendo os braços, como appareceram, um ao sul e outro ao norte, o caso é para desnorrear e deixar um cidadão abarbado!

Muita gente boa conheço eu que se tem visto atralhada só com um «braço de criança» que lhe apparece... quanto mais agora com dois logo de pancada!...

Livra! que apuros!...

E a eleição para um deputado pelo Districto Federal, na vaga deixada pelo Irineu com a sua opção por Minas, que tal?

Viu o leitor que belleza de hortaliça? não foi mesmo um *trabalhinho* bem feito?



E ainda querem que um cidadão independente vá levar o seu voto ás urnas, dado a um homem que saiba dar lustre á cadeira, para depois passar pela decepção de vê-la occupada por um *badamcco* qualquer, que apenas serve para lhe dar *lustro* e receber o subsidio no fim do mez!

Sou eleitor, mas, digo-o francamente: não torno a votar em marmanjo algum. Agora, si porventura se apresentar alguma candidata bonita, com um palminho de cara seductor, então sim, pode contar com o meu voto; dou-lhe o meu com o maior prazer...

O roubo dos 800 contos do caixote enviado para Porto Alegre tambem merece aqui um commentario. E merece-o pela extravagante idéa que teve o autor da ligeireza, de substituir o *arame* por dois travesseiros.

Naturalmente o grande pandego ao fazer a *limpeza* no caixote percebeu que os encarregados de guardal-o dormem, e então disse:

— Ah! vocês dormem? Pois então peguem lá dois travesseiros, para que lhes não dôa a cabeça quando tiverem de responder pelos «pacotes» que eu levo»...

Bem sabia elle que estava a preparar a *cama* para alguém, e por isso foi pondo ali os travesseiros.

Palavra de honra, si o camarada quizesse passar *algum* por conta do que *suspendeu*, sempre lhe diria que fez um trabalho digno de um ladrão que se présa.

E por falar em ladrão. Vem a proposito o roubo soffrido por aquelle barbeiro ali da Avenida Passos, que teve os fundos arrombados (os fundos da loja entendase), e que por esse modo ficou tambem sem uns *arames* que lá havia pelas gavetas.

O que é a ironia da sorte! depois de barbear tanta gente foi o homemzinho por sua vez *barbeado* pelos ladrões.

Afinal, o Director interino dos Correios sahio e sahio tambem o commandante do Corpo de Bombeiros.

Doasahidas mais estavam annunciadas: a do ministro da Marinha e a do seu collega da Fazenda. E d'ahi, quem sabe se quando *O Riso* sahir, elles tambem tenham sahido por sua vez?

Os dois primeiros sahiram mesmo e por signal que bem cabisbaixos.

Mas isto é natural: geralmente, quando se entra para qualquer coisa, entra-se garboso, de cabeça erguida; e quando se sahe, sahe-se aborrecido e de cabeça baixa...

E o celebre projecto 222 apresentado á Camara pelo coronel-deputado Rodolpho Paixão?

Mas, não falemos nisso, leitor; não falemos nisso porque sahimos ambos roubados... tu no teu tempo em me leres, e eu no espaço para tratar de outro assumpto melhor e menos *rapinante*...

Falarei, por exemplo, no Congresso dos Jurisconsultos, ora reunido no Monrão.

Aquillo sim é que é util. Vale a pena ir a uma sessão daquellas para ver a maneira porque aquellos cavalheiros discutem coisas graves e a maneira distincta porque dão á lingua!

Ha ali membros de varias nações e, franqueza, são uns membros de alto lá!..

Interino.

O TAXIMETRO

Quando á casa da Lola, o Sá corria
Em busca de prazer,

A mulher, que o diabo ver quera,
Ficava p'ra morrer,

Co'a visita do velho. E' bom saber,
O' tu leitor amigo!

Que o Sá é um velhote,
Amante, sem perigo,
Da Lola, uma *cocotte*;

Que levava soffrendo um prejuizo,
Visto não ser nas *tutas* tão preciso
O velho, que não ia lá das pernas,
Apezar das meiguices mais que ternas.
E quando ia, levava um tempo enorme,
Fazia bellas fitas

Que Lola não achava mui conforme,
Porque sendo a tabella das *visitas*

Uma sómente, á Lola

Pagava tanto o Sá, como um rapaz,
Que *chegava* depressa, s'indispol-a,
Aos gosos sensuaes.

Amollada da vida,

Desta vida fatal, sensaborona,
Um dia resolvida,

Depois do Sá entrar em Barcellona,
Onde fizera um grande sacrificio.

A bella flor do vicio,

Explicou toda sua situação

Ao mollengo do velho:

— Quando vieres cá, meu coração,
Vou por um apparelho,
Taximetro chamado.
Comtigo só por hora,
Porque preciso agora
E outra vantagem traz.
Por *corrida*, jámais.
Não tiro resultado.»

Dom Perninhas.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem... . 15.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Numero atrasado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital..... 10\$000

Exterior.. ... 12\$000

Piadas de S. Ex.

Em nosso ultimo numero deixamos o leitor *in albis* a respeito de «Piadas», falta essa de que nos penitenciamos hoje, offerecendo-lhe as duasinhas que se seguem e que são na verdade deliciosas...

Apreciem só.

Circumdando o Real Palacio habitado por S. Ex. havia um bello e vasto parque, em cujo centro existia um lindo lago artificial, sobre cujas aguas deslisavam docemente uns alyos cysnes que eram o encanto de S. Ex.

Tal era, enfim, a paixão de S. Ex. por elles, que, todas as manhãs, levava a sua dedicacão ao ponto de ir pessoalmente levar-lhes a ração, que se substanciava nuns finos biscoitos adquiridos (não sabemos si á sua custa ou á custa da Nação), e que faziam as delicias dos cysnes.

Certa manhã, porém, levantando-se mais tarde por haver passado mal a noite, não foi S. Ex. levar aos cysnes a ração costumada, crente de que a criadagem não os deixaria em jejum e lhes levaria os appetecidos biscoitos.

Indo á janella do seu real aposento, de onde se divisava o lago, notou S. Ex. que nenhum dos cysnes lá se encontrava e que, ao contrario disso, achavam-se disseminados pelo vasto parque, procurando alimentar-se com a grama dos jardins.

Mal contendo a sua indignação, S. Ex. ordenou que o mordomo viesse á sua presença e perguntou:

—Porque razão não deram a ração aos cysnes?

—Julgamos que Vossa Magestade quizesse ir pessoalmente, e por isso...

—Pois bem, daqui para o futuro, sempre que eu falte á hora costumada, vá outro por mim levar-lhes a ração. Não quero que os pobres bichos se nutram a grama, elles não estão acostumados a isso e pôde fazer-lhes mal essa refeição *gramatical*!

O mordomo quasi teve uma syncope, mas conteve-se e sahiu, rindo á socapa, da respeitavel asneira que S. Ex. proferira.

S. Ex. tinha um filho, isto é, tinha varios filhos. Um delles, entretanto, ao que parece, era um grande estouvado e não regulava lá muito bem, o que aliás acontece a muita gente boa...

Pois, esse illustre rebento de Sua Magestade, teve um dia, como pôde ter qualquer mortal, o desejo intenso de se unir pelos sagrados laços do hymemeu a uma linda menina, filha tambem da Beocia e que tanto tinha de bonita quanto de pobre.

Job não lhe levaria a palma na fortuna...

Como a pobre rapariga fosse uma simples plebéa, uma *insignificante* filha do povo, desse mesmo povo por quem S. Ex. do alto das suas reaes tamancas tinha tanto desprezo, foram empregados todos os meios para que semelhante enlace fosse evitado.

Foi tudo inutil; o rapaz estava loucamente apaixonado pela rapariga e, dizia, custasse o que custasse, havia de casar com ella, ainda que para isso tivesse de arrostar com a ira do seu Real Pae e Senhor.

Vendo perdidas as esperanças de dissuadir o filho do seu intento, e reccioso tambem de que elle vicisse a ficar ainda mais desequilibrado, resolveu S. Ex. consentir no casamento para acabar de uma vez com a coisa.

E chamando o filho, disse-lhe:

—Bem, vá lá; não quero que tenhas de te queixar de mim: consinto no teu casamento com essa rapariga a quem dizes amar. Sei que ella é muito pobre, mas isso será o menos: eu comprometto-me a *enxovalhal-a* e está tudo acabado.

Queria elle dizer na sua linguagem que lhe dava o enxoval, e então disse que a *enxovalhava*!!!

Positivamente S. Ex. não tem rival!



Em Viagem...

(Fragmento)

Desde o romper d'Aurora, caminhamos...
E, ao lento, incerto, andar das alimárias,
De ha muito a Villa atraz de nós deixamos...

Paisagens sempre atravessando, varias,
O ar campesino, vae-nos emprestando
Uma Alegria e Vida, extraordinarias!...

Juntos, os tres, seguindo iamos; quando
Demos inicio á encantadora viagem.
Mas, dentro em breve, um repto simulando,

Logo, ao Barão, deixamos "na bagagem",...
Ah! Si o ingenno esposo, então, ouvisse
Nossa amorosa e pueril l'inguagem!...

Depois, sorrindo, a encantadora Alice,
Do seu Viver falou-me., E, tristemente,
Do esposo seu, na já... semi-velhice...

Mas, á palestra cn'negues, totalmente,
Dos animaes, a marcha descuidamos,
E eis que o Barão nos surge, pela frente!...

Juntos, de novo, alacrememente, vamos...
Em torno a nós, das arvores frondosas,
As aves cantam, garrulas, nos ramos,

Gentis canções d'Amor, ternas, maviosas...
E todo o puro ambiente é impregnado
De umas subtis essencias vaporosas...

Mudo, o Barão, contempla, extasiado
— Sem n'ó perder de vista, a esperta Alice —
Os mansos bois, pastando, além... no prado...

E, ella, "apontando-os," olha-me... e sorri-se...

Escaravelho.



A FELICIDADE

Estavamos juntos uma vez na rua,
quando o meu amigo Ernesto comprimentou uma horenda velha.

— Quem é? perguntei-lhe.

— E' a mulher que me deu a felicidade.

— Se não te conhecesse, diria que ella é bem feia.

— A velha o é, mas a felicidade, se não foi radiante, é soffrivel.

— Como foi a historia?

— Foi assim.

Tinha eu chegado havia pouco ao Rio, e vivia numa arrebenção medonha. Não tinha casa, não tinha pensão e dormia e comia ao Deus dará. Entretanto, não desesperava, porque tinha alegria e ia vivendo.



Aguentei assim uns dous annos quando topei a felicidade nessa mulhier que me viste cumprimentar.

Era ella naquelle tempo senão bella, ao menos bonita e que a conheci intimamente, posso garantir-te que tinha os seus encantos.

Para contar-te a cousa de uma vez...

— E' bom, disse-lhe eu, pois estás cheio de rodeios.

— Vamos lá. Um dia eu passava por uma rua suspeita, quando essa mulher saiu de uma casa e vem ao meu encalço. Moço, disse-me ella, venha cá, entre!

Fiquei espantado com a proposta e desconfiei de tanta esmola. Tentei entrar-lhe no segaedo, mas foi em vão, seguia-a ao seu quarto e funcionei.

Quando me despedi, ella me pediu que voltasse ao dia seguinte. Voltei e funcionei.

Um dia em que eu estava em funcções, senti um rumor um teslique e como que um gemido.

Ergui-me e, apezar dos embaraços da mul'her, abri a porta e dei com um velho.

Ambos, o velho e a mulher, ficaram estagnados, e eu exigi explicações.

Não me quizeram dar e me fui. Deixei de voitar uns dias, mas, afinal, voltei.

A mulher me explicou então a cousa. Aquelle velho era um bom freguez, mas precisava... Sabes?

— Sei. Prerisava ver.

— E' isto. No começo tive vexame, mas habituei-me e o velho que era rico e infenente, juro-te que fui de todos os modos. Foi assim.

Eis ahi.

Oié.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

20, RUA SARA, 20

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO



Vae pelo custo...

O Manoel d'Azenha, era um rude, mas honrado camponio dourense; que, máo grado a escassez de cultivo intellectual, possuía certa intelligencia nativa, que, em grande parte, substitua o preparo collegial.

Era meo considerado como — um homem de *arespaito* e de *saver*, entre os rudes e honrados camponios da Favaes do Douro, sua terra natalica.

No entanto, o *Jaquim*, o filho morgado e herdeiro presumptivo... dos presentes do Manoel, não honrava, em coisa alguma, a descendencia paterna: Era mais *tapado* que o portão grande da igreja da Freguezia.

— Uma besta quadrada!... exclamava, entre furioso e tristonho, o bom do Manoel.

E acrescentava:

— Atira á gente lá das bandas da mãe, o lapuz...

A mãe do *Jaquim*, protestava:
— Ai tua!... Qu'eu cá, tãihu um mano padre e outro médico-ferrador...

Mas, vamos a uma das muitas do *Jaquim*; tal qual como me foi relatada, por um parente quasi-chegado do Manoel:

Este, em certo dia, mandára seu filho Joaquim em visita ao senhor Thomé d'Arruda, padrinho do rapazelho.

Antes d'este partir, recommendáralhe, quatro ou cinco vezes, o que tinha a fazer e a dizer:

— Chega-te á beira do teu padrinho, toma-lhe a sua *bençom*; pergunta-lhe como vai a sua filha Maria... e, depois diz-lhe que eu mando pedir p'ra fazello o favor de me emprestá-lo seu arado... Escutaste e oubiste bem?...

— Sim, sinhôr pai...

— Então, vae... E vê lá se vae dál-o recado trocado, qu'ô teu padrinho chama-te de burro...

— Sim, senhor pai... com sua luença...

— Vae com Deus Nôssu Sinhoire...

E, o bom do rapazelho, lá se foi; repetindo o recado, por todo o caminho...

Chegado que foi á casa do seu Thomé, este, o recebeu com provas de affecto, indagando da saude de todos; e, por fim, indagando: — «se vinha p'rá alguma coisa...»

E, o *Jaquim*, disse, sem gaguejar:

— O senhor pai, mandou-me á beira de vocemecê, tomar-lhe a sua benção...

— Deus te abençõe, rapaz...

— Mandou próguntar cõmu bac o seu arado... e se vocemecê lhe podia emprestá-la a sua filha Maria...

— Oh, *Jaquim*!... Oh, rapaz!... Pois tu, ainda és mais burro que...

— Ai!... Tém rezão, mou padrinho... ade:culpe... Não m'alembáva de...

— De quê, rapaz?

— De qu'elle tambãim me disse que vocemecê tambãim m'habia de chamar... vurro...

Escaravelho.

Já está á venda

O CHAMISCO
OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correio 2\$000



— *Quã, seu dou'tô! a sua receita é munto boa mais não presta. Eu vou mais é fazê uso do Mucusan e the agaranto que fico bão da... constipação em tres tempo?*

Honnay soít qui...

No anniversario de uma das filhas do Juvencio, a Zoca, houve uma festança com gramophone e outros bichos semelhantes.

Juvencio, bahiano da gemma, como toda a familia, resolveu dar uma grossa muqueca acompanhada de pimentas e pimentões.

E pela manhã no mercado fez uma grande provisão de *rabo-aberto*, peixe da familia dos *vermelhos*, assim chamado e conhecido na Bahia por causa da sua configuração. A velha Justina, rochunchuda esposa do Juvencio, deu ao prato um quê de appetitoso que os convidados haviam de lamber os beiços.



As meninas convidaram grande numero de amigos e amigas, inclusive o Raul, namorado da anniversariante que, segundo diziam, pedia a mão d'ella n'aquelle dia.

A' hora do jantar o pessoal esteve a

postos, mas como o pandego do Raul ainda não tivesse chegado, a *boia* foi retardada. Emfim, depois d'umas duas horas de espera, o Juvencio, mais a Justina e as meninas não supportando mais, mandou servir o *mastigo* para gaudio de uns, para felicidade de outros. Só a Zoca estava triste. O namorado roera-lhe a corda.

O festim correu alegre, cada qual tecia encomios ao serviço culinario de D. Justina, sobretudo quanto ao preparo da succulenta muqueca.

Que peixe excellente! dizia um.

— Chama-se *rabo-aberto*, é um nome esquisito, mas na Bahia é assim como é conhecido, respondia o Juvencio a todos que perguntavam o nome do peixe.

Terminado que foi o jantar, regado com bom vinho Figueira, mandado especialmente da Bahia pela *sinhá* Lucia, irmã da Justina, como presente á sobrinha, fez-se um pouco de gramophone.

Lá quando o pessoal começava esquentar-se nas languosas polkas, fornecidas pela terrivel banda allemã, o Raul fez sua entrada solemne na casa da namorada.

Zoca recebeu-o seccamente.

— Porque não veio jantar? esperamol-o até ás sete horas.

O Raul, cynico, pedia desculpas.

— O senhor fez da bôa, volve D. Justina, fizemos um jantarzinho...

— ...que o senhor se desengonsava todo, acudiu o Juvencio. Imagine que o esperamos com o *rabo aberto* e no entanto não quiz saboreal-o.

Raul olhou enternecido para a noiva e disse:

— Que pena!

Dom Perninhas.



— Qual é a utilidade da Estrada de Ferro Central?

— Matar os passageiros e não transportar mercadorias.



Triste illusão!

No immenso lago azul, voga um batel,
Em direcção longinqua do oceano,
Rompendo as aguas com furor insano
Como na lucta o indomito corcel.

Dois jovens, que da sorte assás cruel,
Vinhão seguindo o fado deshumano
Sonhavam no batel, no lodo engano
Da vida, cuja essencia é só de fel.

Surge a procella, e o vento impetuoso,
Rasgando a grande massa volumosa,
Abriu no mar, um abysmo tenebroso!

E os dois jovens e o barco côr de rosa,
Tudo afundou no fundo doloroso
Dessa illusão da vida mentirosa.

Otaner Segadas



Um grande homem

Cumprindo o nosso programma, fomos entrevistar ao outro dia o illustre escriptor que a nossa cidade hospeda e acode pelo nome de Ruben Dario.

Nada sabiamos a respeito de tão grande homem, nem mesmo sua nacionalidade, porquanto um jornal o chama de argentino, um outro de nicaraguense, um outro de guatemalense; mas sabiamos ser o cidadão um grande homem, porquanto todos se referem a elle com o maximo respeito.

Recebeu-nos no meio de seus doze secretarios, dictando a cada um coisas importantes, entre as quaes seu rol de roupa suja.

Não nos acolheu com affabilidade, antes com rispidez castelhana; mas desculpamos, porquanto verdadeiramente iamos interromper S. Ex. em trabalhos de grande monta, como o de notar as camisas sujas que iam para a lavadeira.

— Que deseja? perguntou o cidadão de tantas republicas. Embora aterrorizados, conseguimos responder:

Saber sua opinião sobre o Brazil.

— Por óra, não posso dizer nada. Tudo depende do acolhimento que fôr feito ás minhas revistas "Mundial" e "Elegancias".

— Um artista deve ter...

— Sei dessas coisas, mas aqui eu trato de "Mundial" e "Elegancias".

— Entretanto, o Sr. já falou de Joaquim Nabuco...

— Não fui eu quem falou: foi um de meus secretarios: Eu não falo senão para uma platéa de reis; sou o Talma das conferencias.

— Quaes seus projectos de obras futuras?

— Muitos e consistem em pouco: arranjar assignaturas e publicações para o "Mundial" e "Elegancias".

— Julgavamos que o senhor fosse um decadente.

— Sou. Não vê que trato de "Mundial" e "Elegancias".

A entrevista ia se tornando monotona e tomamos a resolução de nos despedirmos.

O grande homem não deu mostras de nos querer reter.

Ao sair, ainda ouvimos que sua artistica bocca, dictava: *8 pares de meias; a arte maravilhosa do Cebolorio; não se esqueça de mandar a ordem para o banco, isto aqui continua insipido;* etc.

Tudo isto era dito quasi ao mesmo tempo a seus numerosos secretarios, de forma que não pudemos saber bem de que se tratava; mas devia ser de coisas maravilhosas, tanto mais que eram ditas em hespanhol.

Homem extraordinario!



Pede-nos o sr. Jesus Christo para declararmos que não mais virá á terra, se o sr. Julio Maria continuar a caceteal-o com seus sermões.



O sr. Cunha Vasconcellos já fez a sua estréa na Camara: *bateu a bocca* com um jornalista.



Edital

Quem quizer ser collocado,
Em qualquer repartição,
Se não fôr muito lettrado,
Deve ter preparação.

E' preciso que o freguez,
Ao menos, faça um concurso,
E diga, de vez em vez,
Um decorado discurso.

Eis os quesitos traçados,
Que exigem nos Ministerios :
Fazem questão de empregados,
Que sejam *limpos* e *serios*.

Mas, nem sempre o candidato,
Tira goso do dircito
Que conquistou no mandato
Do concurso de proveito.

Se o candidato infeliz,
Sentir a causa perdida,
Não clame pelo Juiz,
Pois não ha nenhum na vida.

Cheguem, cheguem, meus senhores,
O concurso é de tolices.
Faz-se questão de DOUTORES —
Que digam bacharelíces.

Quem for meo mesmo reprovado,
Entrará por um bamburro.
E terá como attestado
Um pergaminho de burro.

Edmundo Esteves



Films...

«Surucucú»

— Mas que diabo vem a ser «Surucucú»? perguntará o meu amavel leitor.

Ora, «Surucucú», zoologicamente falando, é um animal muito feroz, pertencente á familia dos reptis, o mais venenoso, talvez, de sua especie.

Ha duas qualidades desse bicho — o commum — e o «apaga fogo», sendo este, porém, o mais medonho, porque tem raiva até do proprio fogo.

Não passa ninguem pelos mattos, com uma lanterna na mão, ou fumando um charuto, ou outra coisa qualquer que produsa luz, que elle não corra logo atrás para apagar aquillo que tanto lhe incommoda.

E individualmente falando, «Surucucú», é o appellido com que foi mimoseado o muito illustre e digno representante do povo pernambucano, o *seu* Cunha, a quem o vulgo baptisou com o furibundo nome de «Surucucú», quando S. Ex. occupava o cargo de Delegado da zona». Desde então S. Ex. ficou mais conhecido com esse espalhafatoso nome.

Quando se agitou a candidatura de S. Ex. o Sr. Marechal Hermes, presidente da Republica, o *seu* Cunha foi um dos valentes paladinos na campanha eleitoral que mais provas deu de seu heroismo, de seu civismo e de sua solidariedade ao *seu* Marechal...

Não faltou combate sanguinolento de que o *seu* Cunha não fizesse parte activa, mostrando sua *provada valentia*.

E afinal, vencida a questão, foi guindado ao poder o *seu* Hermes, e, passados dias, uma noite, estando elle em sua residencia, palestrando com alguns amigos, deixou escapar estas palavras:

« — Oh! diabo! Quem poderá enfrentar, na Camara, o Irinêu, caso elle venha deputado? A voz delle é tão retumbante, tão grossa que nenhum dos deputados provaveis, terá coragem de chamal-o á ordem.

— Eu não sei quem terá essa coragem... disse um dos circumstantes!

Eu, disse *seu* Cunha, que estava presente a essa reunião. Faça-me deputado, que eu obrigarei o Irinêu a ter mais cautella e a fechar mais a bocca...

E o Marechal, satisfeito, respondeu:

— Bem, *seu* Cunha, você virá deputado por Pernambuco...

E agora, depois das apurações e depurações, conhecimentos e reconhecimentos, o *seu* Cunha foi reconhecido por Pernambuco.

Mas S. Ex., em vez de pôr de parte a sua furia surucucubesca, anda, pelo contrario, mostrando seu furor por toda parte.

Na Camara, S. Ex. ainda não deu um bote, está preparando o seio, mas nas ruas, o *seu* Cunha tem feito o diabo a quatro.

Não ha ainda muitos dias S. Ex. invadiu uma Faculdade, na intenção de maltratar os estudantes dessa escola pela simples razão de chamarem-n'o — «Surucucú»!!!

Ora, que mal faz, *seu* Cunha, esse appellido que lhe vai tão bem, dado o temperamento ophidio habitual de que S. Ex. anda sempre revestido?!....

Abra o olho, *seu* Irinêu, o «Surucucú» quer apagar o fogo da sua voz!

Gaumont



Machewsky

Todo o dia, quando o policial passava por aquella rua, implicava singularmente com aquella taboleta :



Era uma inticancia ranzinza. Que diabo de nome ! Tão arrevezado ! Aquillo seria mesmo nome de gente ?

E não lhe saia de cabeça aquella taboleta. Emquanto isto, o pobre Machewshy ia tratando dos pés da humanidade, ganhando uns tristes cobres que lhe faziam viver.

Viera lá de Varsovia, cheio de esperança de riqueza e abundancia, n'um hediondo vapor de emigrantes em que os sexos se misturam, e as raças, e as idades, e as linguas, e os soffrimentos.

Tentara este e aquelle meio de fortuna ; fôra em todos os officios infeliz. Tivera mesmo febre amarella em Santos, quando era *garçon* do hotel.

O pequeno peculio que conseguira amontoar, perdera-o numa tentativa de negocio.

Ha quinze annos que arrastava essa vida pelo Brazil afora e, resolvera fazer-se callista.

Não são precisos diplomas e os regulamentos da Saude Publica não têm nenhuma disposição que toque a tão humilde posição.

Mandara fazer a taboleta, installara com muito sacrificio aquelle consultorio e vivia agachado aos pés da humanidade para poder viver.

O policial, porém, quando passava pela rua e lia na taboleta : MACHEWSKY CALLISTA — tinha uma furia concentrada.

Não era possivel que o homem que possuía um nome tão exquisito, não fosse malfeitor.

Se não era assassino, era ladrão ; se não era ladrão, era falsificador de moeda.

Havia de ser qualquer coisa dessas : o que elle não podia ser era um honesto callista.

Um dia mesmo subiu ao consultorio e resolveu entregar seus augustos pés aos cuidados do homem suspeito, para ver se colhia alguma coisa.

Não conseguiu senão dar com um triste homem, magro, macerado, alourado, com uns olhos de um azul desmaiado.

Falou-lhe com uma argucia sherlockiana e o homem respondeu a tudo muito naturalmente.

Saiu desalentado e aborrecido. Que diabo ! Aquelle homem seria mesmo innocente com tal nome ?

Não era possivel !

Machewsky não pôde ser nome de gente honrada ! Uma idéa ! E' *caften*.

No dia seguinte o homem era preso como *caften* e expulso do Brazil.

Otc.



Dois males

Entre os males da vida, ha dois agonisantes,
Um complexo pungente e negro de amargura.
Que obrigam cruelmente a pobre creatura
A supportar no peito angustias cruciantes.

Nessa agonia immensa, ha magoas lancinantes ;
Do seu atroz pungir, tamanha é a desventura
Que o coração que as soffre, anceia, na tortura,
As dores mais cruéis, fataes, horripilantes,

E' o mal que nos arranca os dias de ventura,
Porque de goso um dia ao menos ninguém logra
Ligado como vive ás suas fundas dôres.

E' terrivel, medonho, é o mal que não tem cura,
A hydrophobia irosa e horrenda de uma sogra
E o compungir te arrocho eterno dos credores

Edmundo Esteves.



FILMS... COLORIDOS

Disse-nos um abelhudo ter visto a *siá* Zeferina num *forrobodó de massadas* realizado ha dias lá para as bandas de S. Diogo.

Uê, xentes! então já não chega o do S. José?...

— Já se sabe a quem pertence o guardanapo tinto de... *carmin*, encontrado na caixa do S. José.



Diz a Dolores que o *dito* pertence a uma senhora que tem um corpo nada *delgado*...

— Foi terrível a *fit* desenrolada no Rio Branco pela *aquetriz* Julia Carapinha, por lhe descobrimos as manobras...

Olhe, moça, entenda-se com o *girente* Tavares; elle é quem sabe

destas coisas...

— Segundo consta, a Rosalina do Cinema Brasil vae ser nomeada presidente do "Grupo Horror á Agua".

Pelo menos, é isso o que espalha o seu collega Annibal.

— Pelo que dizem as más linguas, o *film* intitulado: "As fressureiras", que exhibiam as meninas Palmyra e Sylvina, resultou em atirar uma com um prato de salada á cara da outra.

Ciumada é o diabo!

— Porque será que a *siá* Zeferina, no "Forrobodó" do S. José, diz sempre á "franceza" que lhe corta a cara porque sabe que não vae presa?

Estará garantida pelo supplente que ás vezes preside o espectáculo?...

Disse-nos a Rosa Bocca de Sopa ter descoberto que a sua collega Angelina Lingua de Sogra, gosta muito de uma batina...

De uma batina ou de um padre?

— Garantiu-nos o Campos Camarão Secco, do Rio Branco, que a Leonor anda vendo se dá um bordo até *Coimbra*...

O Julião que diga si é verdade.

— Segundo nos informam, as meninas Carmen e Marina, do Rio Branco, podem fazer toda e qualquer despesa no botequim d'aquelle Cinema, sem que paguem coisa alguma.

Ha marchante para garantir as despesas...

— O melhor e mais sensacional *film* da semana foi exhibido no S. José, e intitula-se: "Ficam abolidos os bilhetinhos"...

Ora ahi está no que deu ter a Sylvina faltado á *entrevista* marcada pelo Director... Agora não se perdoam mais as faltas aos ensaios!

Operador



HISTORIAS ANTIGAS

O Belisario

O Belisario,
Era o sujeito mais extraordinario
De Villa-Nova!...

E para que ao leitor eu dê a prova,
Um factó só
Eu vou contar; até nos causa dó!...

Entre os boatos da beata villa
Socegada e tranquilla
No esmeraldino topo da vertente,
O Belisario, certamente,
Era o mais fervoroso
Embora fosse o menos generoso!...
E o povo que não lia
Pela mesma cartilha,
A' socapa sorria
Sempre que o velho para a igreja trilha!

Uma tarde, oh! cruel desillusão!...
Oh! momento fatal de desespero!...
Na gare da estação
O trem que eu, calmo, espero,
Espera o atheismo da locanda!...

Era até sacrilegio,
Eu, amigo de Deus, portando *egregio*,
Viajar á *banda*
De um bando assim de gente perigosa!

E assim monologava
Enquanto o Belisario se chegava!
Conto-lhe o factó;
O trem apita;

Muito barulho e muito espalhafato;
E o fim da fita:
Eu fico na estação co'o Belisario,
Que, correndo o rosario,
Padres-Nossos resava arrependido!
Um typo á plataforma do vagão
Percebendo o occorrido
Nos diz adeus e de *fechada mão*!

Eu deixei escapar n'um desabafo
Espontaneo de odio,
A impressão ficada do episodio
No qual inda me abafó;
E o Santarrão do Belisario amigo
Tira o chapéo
Cheio de fé!...

— Depois do tal adeus que nos cedeu
Um inimigo?...

— Mas, bem podia ser de S. Thomé!...

A. Bilio



Premières

A VIUVA ASSANHADA —
Opereta em 3 actos (parodia á
"Viuva Alegre") original de A.A.(?)
musica de Franz Lehar e Raul
Martins.

Accedendo ao gentil convite que nos foi endereçado, fomos sexta-feira ultima ao "Cinema Brasil" assistir á *première* da peça sob o titulo acima, e que é sem duvida uma engraçadissima parodia á popular opereta "A Viuva Alegre"

Inutil se faz dizer aqui do entrecho da peça; basta dizer que é devéras interessante, e que faz rir a valer de principio a fim, o que já não é pouco.

Digamos pois do desempenho, que si não foi irreprehensivel, não deixou muito a desejar e, francamente, agradou.

Esther Bergerath deu-nos uma "Anna de Lambary" muito interessante e viva, agradando em cheio. Carlinda Caldas fez por seu lado uma "Tolentina" bem accetivel, agradando igualmente.

Araceli Santos, Erreinda, Rosalina e Emilia, respectivamente nos papeis de "Fon-Fon", "Lu-lú", "Chu-Chú" e "Chica",

deram boa conta do recado, principalmente a primeira, que é devéras aproveitavel.

Da parte masculina destacaremos Roberto Guimarães, um excellente "Aarão". Augusto Santos, um "Piegas" impagabilissimo, Arthur Leitão, um "Adelino" muito sestroso e Felipe Santos, um "Toucinhão" de primeira ordem. Os demais bem.

Ha ainda na peça um outro personagem: o representante d'*O Riso*, de que se incumbiu o sr. A. Machado, e por cuja gentileza aqui ficam consignados os nossos agradecimentos ao autor.

A montagem é boa, bem como o guarda-roupa.

A musica, parte de Franz Lehar e parte do maestro Raul Martins, é excelente e esteve ao cuidado do maestro J. Neira, a cujo cargo está o bello quintetto que a executou.

Emfim, o conjunto do "Cinema Brasil" sob direcção dos actores Roberto Guimarães e Augusto Santos é bem merecedor do auxilio publico, e este, estamos certos, saberá compensar-lhe os esforços abarrotando o Cinema em todas as sessões.— A. S.

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

N.º 2 PONTA DOURADA

✱ ✱ Luxuozamente preparados para o Bello Sexo ✱ ✱



UM APPELLO

Conhecedores como somos da nossa insignificancia, é com o maximo temor que tomamos a liberdade de nos dirigir aos poderes publicos.

Trata-se de um caso em que estão em jogo a segurança da propriedade privada e publica e a vida dos nossos cidadãos.

Queremos falar de um louco furioso que todas as semanas delira em publico e congrega em torno de si centenas de pessoas.

E' uma especie de Antonio Conselheiro que está realizando na capital da Republica as proezas do seu emulo sertanejo.

A sua loucura é contagiosa e, julgamos, que muita gente já está soffrendo o contagio da sua terrivel molestia.

Esse doente annuncia, com a gritaria mais infernal, a segunda vinda de Jesus Christo e diz-se *propheta*.

Ora, senhores, já viram coisa mais declaradamente doida ?

Por muito menos, ha muita gente na praia da Saudade e todos sabem que os loucos de qualquer natureza são sempre perigosos.



Se o seu delirio forçar outras consequências imprevistas, de quem será a culpa ? Do governo, da policia.

Se amanhã, o homemzinho julgar que, para a tal vinda de N. S., é necessaria a morte dos atheus, dos positivistas, dos incrédos e a multidão que o ouve, dizer um novo S. Barthelemy, de quem será a culpa ? Do Estado, do Governo, da policia.

E' preciso pôr um paradeiro a isso e todos nós temos o direito de exigir das autoridades medidas preventivas a segurança da nossa vida e a proteção da nossa propriedade.

Sem querermos insistir nos varios aspectos que a questão apresenta, saindo fóra da nossa reconhecida insignificancia, appellamos para as autoridades competentes de modo a que seja recolhido a uma casa de saude o Sr. Padre Julio Maria que, dizendo-se *propheta*, está a annunciar a volta ao mundo de um homem que morreu ha quasi dois mil annos.

A Inquisição já o teria queimado como falso propheta; a autoridade leiga deve recolhê-lo ao Eiras ou ao Hospicio.

SONETISANDO...

— Diz que eu sou muito ingenna, se quizeres... Assim fallou-me, Eugenia — Mas, eu penso Que:—E' mesmo um grande absurdo, um contrasenso Medonho, o não podermos, nós, mulheres:

Ser uteis sempre, em cargos, em mistères, Aos quaes se mostre o genio mais propenso: — Os de ministro ou deputado, .. alferes... Ou, mesmo, o de «Grão Chefe»; o qual dispenso.

Si eu, d'essa absurda Lei, não tósse escrava: — Ministra do Exterior — eis as dilectas Aspirações, que tenho; as verdadeiras...

E havias tu de vêr se eu sustentava, Correcta e firme, as relações directas Com todas as Potencias... estrangeiras!...

Escara velho



— Quem é este Matheus que quer uma estatua para o Eça, aqui, no Rio ?

— Não sei, mas asseguro que não é d'aquelle; de quem se deve dizer: Matheus, primeiro os teus!



— E essa historia da cabeça ?
— Está fazendo a policia dar cabeçadas.



Sem rival nas Flores Brancas e outras melestias das senhoras.

Vidro grande..... 5\$000
Vidro pequeno... 3\$000

— VENDE-SE EM TODA PARTE —



As duas

Eram muito amigos o poeta Bastos e o advogado Marques, sempre eram vistos juntos e quasi sempre se mettiã nas mesmas pandegas.

Embora casados, eram dois pandegos de marca e levavam dias seguidos em pandegas seguidas.

Certa vez, ambos saíram, muniram-se do dinheiro necessario e começaram.

Fizeram-na completa. Primeiro começaram a beber, depois de bem bebidos, foram a outras aventuras mais delicadas.

Assim acaba a noite e, ao dia seguinte, recommçaram, depois de comprarem a necessaria roupa branca.

Para curar a resaca, foram a Tijuca e lá se deliciaram com os aspectos e encantos da paisagem tropical.

Logo que se sentiram bem curados, voltaram á cidade para recommçar.

O programma foi ligeiramente modificado e, além do jantar, resolveram ir a um theatro alegre.



Enquanto isso, as suas mulheres andavam á sua procura pelos cantos da cidade, onde a gente se diverte.

Não os encontraram, mas, mesmo assim, não desanimaram, e, perguntando daqui e dali, vieram a saber que tinham ido para um café concerto.

Com a audacia que caracteriza as esposas que querem tirar os maridos da perdição, lá foram ambas para o café cantante.

Bastos tinha ido ao mictorio e Marques ficara só a tomar cerveja.

De forma que, quando as duas entraram, só foram dar com um delles.

Seguiu-se a scena do costume e Marques se desculpava da melhor maneira, Bastos, logo que saiu do mictorio, deu com o amigo a conversar com aquellas duas mulheres.

Como era myope, não reconheceu logo e, encaminhando-se para onde estava o amigo, foi pensando comsigo:

— Aquelle tratante do Marques já arranjou duas francezas. Mas não leva ambas. Uma vai ficar comnigo.

Previdente foi marchando e, ao approximar-se, ainda sem reconhecer, abraçou uma dellas e disse:

— Meu amôr!

A mulher voltou-se e disse com toda a raiva feminina:

— Ainda me trata dessa maneira, seu vagabundo?

Era a sua mulher, mas o engano o salvou, porque ella tomou o galanteio como lhe sendo dirigido.

Hum.



— A camara anda em calmaria.

— Aguarda o subsidio.



A' VENDA



O Album 3^a série

da Bibliotheca de Cuspides

Linda collecção de 8 bellissimas gravuras.

Preço 1\$000 —::— Felo correio 1\$500



Cartas de um Matuto

Capitá Federá do Brazi do Rio de Janeiro, aos 3 do meis de Julho do ano de 1912.

Inlustre seu Redatô.

Pru via desta eu lhi arremeto as minhas miorez sôdaçõez.

Ao pegá na pena pr'a inscrevê esta inscruviação é com uma purção de dô qui o faço, apoiz o açuntô bole nas alma de quorquê brazieiro sinçero.

Eu quero falá dos nóços atô das nóças atris quistão a tanto tempo dizamparado sem a porteição do governo.

Ora, de vêz em quando, chega aqui uma companhia da estranja, sem valô, sem arte e sem nada, seu Redatô, mais, porém, é bem arrecibida e durante o o tempo qui si demora aqui na Capitá, não perde uma casa de ispetácu ! ?

E' povo qui nem mosca in riba dos pratos das casa de pasto.

E' bom a gente dize, seu Redatô, qui é uma ou otra cumpanhia boa qui vem pr'aqui trabaiá, o resto é uma pinoia.

De Purtugá, por inzemplo, só vem catraia qui os impresaro pega nas rúas de Lisboa e qui por lá não arranjam mais nada, in vista de já istarem sovadas de mais.

Ao paço qui o nóço peço de triato anda por aqui morrendo quose a fome. Agora mesmo, trabaia no «Cinema Brazi» um grupio organizado pur o competente atô Ruberto Guimarães.

Nece grupio ha bons elemento como sejam : o atô comico Santos, impagavi in tê a gente se iscangaiá de ri, e a gracioza atris Isté Begerá, qui fais pena, divéra, ta trabaiaando num meio tão acanhado, e mais uma otra atris piquinininha, de bonitinha, que eu não sei o nome, que feis o papé de criada de oté e qui dizia sempre qui não arrecibia dinheiro de militá, e mais otros atô bom qui para não morré de fome istão se asugeitando a trabaiaá nece «Cinema».

Apoiz, bem, seu Redatô, vosmicê qué sabê uma coisa: os pobri atô alem de não ganharem nada, porque o «Cinema» tem poucos ferquentadô, ainda pur riba pagam trinta mireis todas as noite, a

Perfeitura, porue o seu Perfeito dixe qui aquilo era triato.

Ora veja vosmeçê, sen Redatô, qui calamidade!

O pobri atô qui cumanda a cumpanhia, já feis intê uma pitição ao seu Perfeito, pidindo mizericorda, dizendo qui elle não tirava lucro no tá triato pra dispô, toda a noite, de trinta mireis pra dá aos homi da Perfeitura, e o seu Perfeito indifiriu, não attendeu á suplica tão justa, tão patriotica, tão brazieira, dos nóços patriço.

E o ingraçado, seu Redatô, é qui na rua 24 de Maio ha um Cinematogra qui funciona na mesma cundição, do tá in questão, e cum mais fricidade de ferquencia, e não paga um vintem de imposto, porque o seu Perfeito dispensô im virtude de sê esta de prupiedade de um homi de poliça, quem o seu Perfeito qué sê agradavi, prú via dos pistolão qui arrecebeu pra portegê o dito cujo e arrefirido Cinematogra.

Não será isso uma injustiça tremenda, seu Redatô ?? !!

Apoiz, o seu Generá Bento Ribeiro, não terá dentro do coração uma centêia de patriotismo ?? !?

Não piçuirá dentro da alma ece amô carinhoso qui se deve dá aos nóços patriço que tão pelejando pra pô de pé o triato ?? !?

E o dispoiz dizem qui nós não temo triato no paiz !

Elas, as otoridade, é qui são as culpada apoiz não querem dá volô, nem fazê justiça aos nóço pobri atô.

Infin, vamo vê intê omde vai ece disprezo.

Na sumana qui ai di vim, eu tratarei de otro açunto.

Sempre de vosmoçê Cr^o Res.p. Att^o

Bonifaço Sargado.



N'um exame de geographia :

— O Brazil tem minas de ferro ?

— Muitas.

— Onde ?

— Na bahia de Guanabara. : O «Minas Geraes» e o «S. Paulo».!

A' VENDA:



ALBUM DE CUSPIDOS

SCENAS INTIMAS



2ª Serie : Preço 1\$000 réis



BASTIDORES



Diz o Carlos Leal que a sua collega Beatriz Mattos deixou de fazer parte da *troupe* do «Pavilhão» por querer elle obri-gal-a a entrar em scena com a bandeira azul e branca...

Bem fez ella, pois uma *revolucionaria* deve ter a sua dignidade patriótica.

— Participam-nos que a Maria das Neves anda a empenhar-se com todos os collegas para que o Ghira passe a chamar-se d'ora avante Ghira Guilhermina Rocha.

Para o que lhe havia de dar a dor de... *cotovellos*...

— O Leonardo Feijão Fradinho *comprou* (?) mais um cão, a que deu o nome de «Apache».

O que elle deve é comprar um bóde, e ver si se... *lixa*...

— Affirma a Maria Amor Sem Olhos que a sua collega Sylvana tambem executá sólos de «clarineta» para o seu *escrição* ouvir...

E' isto: ri-se a rôta da esfarrapada...

— Segundo nos informam, o Leitão é actualmente proprietario de uma *coudelaria* e já adquiriu umas parelhas de fogosos cavallos...

— Diz a Judith Amor Sem Pesçoço que o Carlos Leal está trabalhando na surdina para a sahida da Sete Cabeças, do «Pavilhão», porque ainda traz atravessadas na garganta aquellas *marrecas* que a menina lhe atirou em voz alta...

Será ella tambem *revolucionaria*?

— O caso é que a Branca não conseguiu apanhar ao Chiquinho do Tico-Tico os 100\$ para o «Nacional»...

... Elle é fino, isso é!

— Disse-nos o ator Lagos que se não fosse temer a responsabilidade, *atirava-se* tambem á Virgolina da companhia Taveira...

Ai, Thereza!...

— O Alberto Ferreira diz que não torna a trabalhar completamente *taxado*, para não tornar tambem a fazer uma das suas *brilhaturas* com indefesas mulheres e ter, depois, de trabalhar debaixo de prisão.

Ora vamos a ver si elle toma vergonha desta vez.

— Muito bem tem sabido ao Gabriel,

ao Alvaro d'Almeida e ao Mario Pedro as ceias com *syphon* ultimamente papada.

Pudéra não! ellas saém tão baratinhas...

— Ao despedir-se do «Pavilhão», por causa da discussão que teve no ensaio, devido a Maria das Neves, o actor Amaral disse que aquillo é uma *choldra muito indecente*...

Pois, só agora é que o Amaral viu isso?

— O Carlos Leal diz que não dá a *gente* do S. Pedro a honra de lá ir.

Sim, é que se lá fôr tem que puxar os cordões á bolsa e pagar a entrada; aquillo não é a rua das Marrecas...

— Segundo diz a *aquetriz* Olympia, a sua collega (?) Auzenda é tão apreciado-ra dos *pintos*... que anda sempre com um ás voltas...

Será mesmo com um *pinto* ou com um *leitão*?...

— Si as meninas Thereza e Clarisse soubessem quem nos deu aquellas piadas para o nosso ultimo numero, e com as quaes tanto afinaram...

Mas, não lhes diremos quem foi porque temos muita pena do Lagos...

— Queixou-se-nos a corista Alice, do Recreio, que o Alvaro d'Almeida ao dar-lhe um beijo magoou-lhe o rosto com o nariz.

Irra! vá ter nariz para o diabo!

— Soubemos de fonte limpa que o Amaral do «Pavilhão» está arreliado com a Amor Sem Olhos por tel-o a menina posto em uso do *Mucusan*...

Então, a *defluxeira* deve ser grande a valer!...

— Tiveram a gentileza de participarmos o seu *casamento* o actor Alberto Ghira e a *aquetriz* Amelia Silva.

Parabens. E quando é o divorcio?

Disse-nos o Leonardo que o Celestino lia um tempo para cá não tem dado uma folga na Celestina: é tarefa que te parta!

O que é de gosto regala a vida!...

Então, ó Leal, que vem a ser essa piada de «caco sanitario»?

Não te falta ser mais nada, hein!...

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande depósito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhores e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO II

O nosso hotel chamava-se o *Hotel da Bella Imagem*; e nunca hove nome mais adquado, porque se achava ali a mais beila imagem que se podia fantasiar. No *Hotel da Bella Imagem* habitava a deusa dos meus sonhos, a mulher divinamente amada.

Deram-nos dois quartos, grandes e simples, mesmo simples de mais. Para se tornarem mais bonitos, enfeitaram-nos de flores. Ficaram então esplendidos.

Na primeira noite, depois do jantar, demos um longo passeio pela estrada, á beira do rio e Marcella recolheu ao quarto, muito fatigada, já pelo que andára ao ar livre, já pelas commoções intimas que sentira.

—Estou cançadissima, disse Marcella. Tenho necessidade de dormir.

Ajudei-a a despir-se, assisti á sua *toilette* de noite; depois de estar estendida no leito pareceu voltar-lhe a vida como se subitamente tivesse desaparecido todo o cansaço. Por muito tempo fallou da sua juventude, dos pequenos nadas que nunca esquecera, das pessoas que tinha já visto e reconhecido e junto das quaes passara despercebida.

Pedi-me que apagasse a luz e continuou a falar.

Sentado á borda do leito, peguei-lhe na mão:

—Conte-me uma historia, — disse-me ella,—para eu adormecer.

—Havia, uma vez,—comecei, — uma dama que pela belleza se tornára a rainha do seu paiz. A bondade equalava a sua formosura. Todos a veneravam. Entre os seus adoradores, um houve que a amou mais do que os outros; e, um dia, depois de lhe ter declarado o seu amor, a dama permittiu que lhe beijasse a mão. Outra vez, o desconhecido disse-lhe que era linda como o ideal que o seu espirito architectara, que a desejava, que a amava tanto, que, certamente, morreria, se ella lhe não concedesse uma parcellinha do seu amor. Como a dama era tão formosa como boa...

—Deu-lhe todo o amor que eile quiz, proseguiu Marcella. Parece-me que conheço esse adorador tão apaixonado, e advinho egualmente quem é a dama.

—Amo-a! exclamei.

—Meu amigo! disse Marcella estendendo-me os braços nus.

—Anto-a, mas temo que confunda o meu amor com o dos seus adoradores. Amo-a como amou o seu primeiro amante e queria que o seu amor fosse igual ao que lhe consagrou, a elle. E mais ainda: que me dissesse, sem querer com isto obrigar-a a mentir, que se não considera... infeliz por estar junto de mim.

Marcella apertou nervosamente nas suas, as minhas mãos ardentes e humidas; senti que me attrahia, que me puxava brandamente, procurando, na escuridão da noite, a minha bocca; nossos labios encontraram-se, uniram-se collaram-se docemente. Cobri-lhe de beijos os olhos, os braços, o pescoço os seios, fazendo vibrar de voluptuosidade a sua carne fresca, dura, perfumada. Os meus labios percorreram, avidos, frementes, todo aquelle corpo lindo, suavemente, antes de pousarem na sua bocca pequenina que, tremendo, a custo murmurava palavras ternas, entrecortada, que mal se ouviam, antes de pousarem doidamente onde ella, palpitando, estremecendo de prazer, com as suas duas mãos nervosas, os obrigou a permanecer n'uma sensação indefinivel de goso, por muito, muito tempo ainda... e que a mim me pareceu tão pouco!

Foi assim que principiou a nossa primeira noite de amor.

Na manhã seguinte encontravamos-nos no mesmo leito, ainda abraçados, os nossos corpos entrelaçados, confundindo as nossas respirações em longos, apaixonados beijos, e sentimos então o despertar de uma vida nova, que acabava de conquistar o esquecimento do passado, com tanta felicidade, tanta luxuria, que, mais tarde, nos era impossivel pensa nessa noite deliciosa sem desejar fazel-a reviver.

(Continúa).